

Banco Mundial alerta FMI da situação crítica dos latinos

COSTA REIS
Correspondente

WASHINGTON — A uma semana de sua reunião anual conjunta com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial alertou os 147 países membros das instituições para as perspectivas desfavoráveis das nações latino-americanas em termos de crescimento econômico devido às “enormes pressões da dívida externa”.

O crescimento dessas economias passará de negativo, no ano passado, a 2 ou 3 por cento em média este ano, subindo lentamente até o final da década, quando deverá atingir o nível de 5 a 6 por cento. “Levando-se em conta o crescimento populacional médio de 2,5 por cento, mais o peso dos juros da dívida, pode-se calcular melhor a lentidão dessas taxas”, advertiu o economista-chefe do banco para a América Latina e Caribe, Guy Pierre Pfefferman.

Pfefferman usou essas estatísticas para confirmar as previsões sombrias feitas pelo Vice-Presidente do banco para a região, David A. Knox. Em encontro na semana passada para analisar o relatório anual do banco, divulgado ontem, Knox alertou:

— Mesmo esperando uma retomada de crescimento, parece claro, infelizmente, que o peso da dívida é tal

que não se pode prever um crescimento substancial para o resto da década — disse Knox.

O relatório, cobrindo as atividades do Banco no ano fiscal terminado em junho passado, registra os esforços dos países latino-americanos para enfrentar a atual crise financeira. Sem fazer propostas específicas, mas deixando clara a necessidade de ações concretas na questão dos juros internacionais e do protecionismo, o banco assinala que:

— O declínio no nível de atividade econômica no hemisfério no ano passado foi ainda mais agudo, caindo seis por cento o Produto Nacional Bruto (PNB) dos países da América Latina e Caribe.

— A produção “per capita” caiu aos níveis de 1976. Os maiores declínios se verificaram no Peru (14,3 por cento), Bolívia (8,7), Brasil (7,1), Equador e Uruguai (6,3) e México (4,7).

— Para o Brasil e outros países (Argentina, Uruguai e a maioria da América Central) 1983 foi o terceiro ano consecutivo de estagnação ou queda no PNB. A renda nacional “per capita” caiu em vários países a níveis do princípio da década de 1970.

O banco atribui tais fatos à persistência das altas taxas de juros e ao rápido crescimento da dívida devido à queda na receita de exportação em termos absolutos.

A participação do banco nesse período crítico traduz-se num volume de empréstimos de mais de US\$ 3 bilhões durante o ano fiscal. O importante, entretanto, é que o nível de desembolsos no período quase empatou com os financiamentos comprometidos, cerca de US\$ 2,9 bilhões.

Os empréstimos ao Brasil atingiram a cifra recorde de US\$ 1,6 bilhão, com desembolsos acima de US\$ 1 bilhão. Isso foi conseguido apesar das dificuldades criadas pelo programa de ajuste econômico com o FMI. Normalmente os países são obrigados a dar uma contrapartida (afetando as contas internas) aos desembolsos do Fundo.

Para contornar esses problemas o banco lançou os chamados Programas de Ação Especial.

No caso do Brasil, disse Knox, “fomos capazes de aumentar os financiamentos pois usamos instrumentos como operações para financiamento às exportações, através das quais os recursos não se ligavam a projetos de desenvolvimento mas às necessidades da indústria brasileira”.

A maneira de aumentar os esforços do banco e ampliar a agenda da reunião conjunta FMI — Banco Mundial, que será inaugurada oficialmente na próxima segunda-feira.